

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: gestão e práticas pedagógicas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: gestão e práticas pedagógicas / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0421-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.217220908>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**A Educação enquanto fenômeno social: Gestão e práticas pedagógicas**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrusa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DESIGUALDADES SOCIAIS, COMPETÊNCIAS DIGITAIS E O DUALISMO NA EDUCAÇÃO

Ana Flávia Braun Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209081>

CAPÍTULO 2..... 10

NARRATIVAS NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA COORDENAÇÃO DE BAIXA VISÃO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Eliana Leite Assis Figueiredo

Inês Barbosa de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209082>

CAPÍTULO 3..... 22

A TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE LITERATURA: DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR

Priscilla Cláudia Pavan de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209083>

CAPÍTULO 4..... 35

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: O PAPEL DO PROINFO

Karen Angélica Seitenfus

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209084>

CAPÍTULO 5..... 46

ESTUDIO DE CASOS, UNA EXPERIENCIA DE APRENDIZAJE CON ESTUDIANTES NORMALISTAS

García Pereda Hilda

Ramírez Ramos Rubén

Avilés Quezada Daniel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209085>

CAPÍTULO 6..... 61

A EXPANSÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS RESSONANDO UMA CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORANEA

Maria Lúcia Gomes Barbosa

Laila Vitória dos Passos Ambrozio Pereira

Patrícia Generozo Pataro

Scarlet Karen Buzzi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209086>

CAPÍTULO 7.....	77
USES AND APPLICATIONS OF VIRTUAL REALITY IN EDUCATION	
Jesús Alberto Flores-Cruz	
Elvira Avalos Villarreal	
Cesar David Ramírez Ortiz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209087	
CAPÍTULO 8.....	90
O (NÃO) TRABALHO DOS PROFESSORES DURANTE A PANDEMIA: DERIVAS DE SENTIDO E SILENCIAMENTO	
Deyvid Braga Ferreira	
Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209088	
CAPÍTULO 9.....	101
A IMPORTÂNCIA DA INFLUÊNCIA CULTURAL E MUSICAL COMO MÉTODO EDUCATIVO	
Renan Bordião Nogueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2172209089	
CAPÍTULO 10.....	104
FATORES FAMILIARES QUE CONTRIBUEM PARA A FORMAÇÃO LEITORA DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Ana Lúcia da Silva Cruz	
Evanete Alves de Oliveira	
Aníbal Barrios Fretes	
Edimara Alves de Almeida	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090810	
CAPÍTULO 11.....	116
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS <i>TIPOS PEDAGÓGICOS</i> NO CAMPO JURÍDICO BRASILEIRO	
Lucas Gabriel Duarte Neris	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090811	
CAPÍTULO 12.....	128
DIFICULDADES DE UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS EM SALA DE AULA POR PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ARRAIAL – PI	
Antônio Marciel de Jesus Gonçalves	
Jairo Menezes Ferraz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090812	
CAPÍTULO 13.....	140
AS CONTRIBUIÇÕES DAS TIC'S PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA	

REVISÃO DA BIBLIOGRÁFICA

Janaina Ribeiro Pireda Teixeira Lima

Nadir Francisca Sant'Anna

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090813>

CAPÍTULO 14..... 147

A MAGIA DOS CLÁSSICOS INFANTIS COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM

Ilma Lopes Torres de Lima

Luimar Lopes Torres e Souza

Maria da Conceição Barroso da Silva Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090814>

CAPÍTULO 15..... 163

REVENTAR A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marcelo Bruno da Silva Maceno

Maria Aparecida de Jesus Tosta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090815>

CAPÍTULO 16..... 169

CORPO EM MOVIMENTO-TRABALHANDO A PSICOMOTRICIDADE

Deusani da Silva Góes

Fátima Leite

Gessy Padilha da Luz

Rosilene da Luz Morales Minari

Terezinha Leite de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090816>

CAPÍTULO 17..... 180

AS VIDEOAULAS NA EDUCAÇÃO: OBJETO DIGITAL DE APRENDIZAGEM PRODUZIDO EM AULAS REMOTAS DE MATEMÁTICA

Márcia Regina Sousa de Olanda

Lucivaldo dos Santos Lima

Kayla Rocha Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090817>

CAPÍTULO 18..... 190

UMA NOVA DEFINIÇÃO DE MONITORIA: ADAPTAÇÃO AO ENSINO REMOTO DE MATEMÁTICA POR MEIO DO GERENCIAMENTO DE AMBIENTES VIRTUAIS E UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DIGITAIS

Mateus Vinícius Santos de Azevedo

Lígia Danielly Rocha dos Santos

Jackson Gomes da Silva

Désio Ramirez da Rocha Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090818>

CAPÍTULO 19	196
CONFEÇÃO E APLICAÇÃO DE JOGOS COMO SUBSÍDIOS PARA A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Larissa de Lima Cardoso Claudia da Silva Leão Maria Rosileide Bezerra de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090819	
CAPÍTULO 20	210
LA INFLUENCIA DE LAS REDES SOCIALES EN EL APRENDIZAJE DE ESTADÍSTICA DESCRIPTIVA	
José Oscar Huanca Frias Rene Eduardo Huanca Frías Juan José Apaza Justo Julio Rumualdo Gallegos Ramos Vitaliano Enriquez Mamani Yaneth Carol Larico Apaza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090820	
CAPÍTULO 21	218
FERRAMENTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA DIGITAL DOCENTE	
Vânia Aparecida Lopes Leal	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090821	
CAPÍTULO 22	232
MODELOS DIDÁTICO PEDAGÓGICOS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS	
Alecia Saldanha Manara Fabiane Cristina Farsen Hunemeier Josiane da Rosa Kersch	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090822	
CAPÍTULO 23	240
DISCALCULIA: IDENTIFICAR E INCLUIR	
Jussara Bernardi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090823	
CAPÍTULO 24	250
A UTILIZAÇÃO DE JOGOS EDUCACIONAIS PARA MELHORAR A ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA	
Maria da Penha Nóbrega Uchoa cordeiro Maurilia Quinta Moreira Ana Paula da Costa Almeida Mary da Silva Costa Brandão Lenilza Cardoso Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090824	

CAPÍTULO 25	262
AULA INVERTIDA: UMA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090825	
CAPÍTULO 26	271
PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DO PRIMEIRO SEMESTRE DE NUTRIÇÃO DA UNIFOR SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO TEAM BASED LEARNING	
Lucas Ribeiro de Senna Souza	
Marília Porto Oliveira Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090826	
CAPÍTULO 27	279
O USO DE PLATAFORMAS DIGITAIS E DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO MÉDICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lucas Carvalho Vasconcelos	
Moany Alves Cisne	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21722090827	
SOBRE O ORGANIZADOR	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

CAPÍTULO 2

NARRATIVAS NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA COORDENAÇÃO DE BAIXA VISÃO DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 19/06/2022

Eliana Leite Assis Figueiredo

Instituto Benjamin Constant – IBC
Universidade Estácio de Sá – UNESA
<http://lattes.cnpq.br/8027192514427589>

Inês Barbosa de Oliveira

Universidade Estácio de Sá – UNESA
<http://lattes.cnpq.br/0323845315267858>

RESUMO: Duas percepções distintas de sujeitos compõem o grupo de pessoas com deficiência visual: pessoas cegas e pessoas com baixa visão. Estas últimas, habitam em um espaço entre a cegueira e a visão normal, sendo, muitas das vezes, rotuladas como cegas ou mesmo invisíveis para a sociedade. Estudos diversos têm demonstrado que aprendemos a enxergar e a utilizar nosso sistema visual. Neste contexto, este trabalho apresenta o cotidiano da Coordenação de Baixa Visão do Instituto Benjamin Constant, para buscar entender como as experiências podem ajudar no desenvolvimento da visão. Por meio de duas vivências realizadas nos atendimentos da Coordenação de Baixa Visão, mergulhados no cotidiano da pesquisa, procuramos contribuir para a tessitura de conhecimentos, fomentando as redes de conhecimentos e, sobretudo, contribuindo para que a pessoa com baixa visão aprenda a “enxergar o mundo”, fazendo melhor uso de sua visão preservada, utilizando o espaço escolar juntamente com as experiências do

cotidiano familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano Escolar; Educação Especial; Baixa Visão.

NARRATIVES IN SCHOOL ROUTINE: AN APPROACH BASED ON THE LOW VISION COORDINATION OF THE BENJAMIN CONSTANT INSTITUTE

ABSTRACT: Two distinct perceptions of subjects make up the group of people with visual impairments: blind people and people with low vision. The latter live in a space between blindness and normal vision, being often labeled as blind or even invisible to society. Several studies have shown that we learn to see and use our visual system. In this context, this work presents the school routine of the Low Vision Coordination of the Benjamin Constant Institute, to seek to understand how experiences can help in the development of vision. Through two experiences carried out in the consultations of the Low Vision Coordination, immersed in the school routine research, we seek to contribute to the fabric of knowledge, fostering knowledge networks and, above all, helping the person with low vision learn to “see the world”, making better use of their preserved vision, using the school space together with the experiences of family everyday life.

KEYWORDS: School Routine; Special Education; Low Vision.

1 | INTRODUÇÃO

Este texto está focado na produção das narrativas de estudantes com deficiência visual

durante atendimentos especializados na Coordenação de Baixa Visão do Instituto Benjamin Constant.

Os atendimentos que serviram de base para a constituição desta argumentação são oriundos de pesquisa recente realizadas pelos autores como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação pelo Programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (FIGUEIREDO, 2022).

Nosso interesse em investigar as narrativas dos estudantes com baixa visão justifica-se pelo fato deste grupo de pessoas necessitar desenvolver seu potencial visual para que possam aprender a “enxergar o mundo”. Atendimentos especializados no âmbito da educação especial, neste caso no Instituto Benjamin Constant – IBC, devem ser capazes de favorecer tal aprendizado e assim, contribuir para que os estudantes aprendam, de maneira mais efetiva, a utilizar todo o seu potencial visual.

Ancorados nas pesquisas com os cotidianos escolares (ALVES e GARCIA, 2008; OLIVEIRA e ALVES, 2008), acreditamos contribuir para a tessitura de uma rede de conhecimentos já existente no IBC e, com um olhar atento para as narrativas durante os atendimentos podemos contribuir para melhor compreender as necessidades dos estudantes, favorecendo novas práticas e contribuindo, de fato para a inclusão das pessoas com baixa visão.

Nesta perspectiva este artigo se organiza da seguinte forma: primeiro vamos caracterizar a pessoa com baixa visão, depois, descreveremos rapidamente o local da observação, ou seja, o Instituto Benjamin Constant, com especial atenção para a Coordenação de Baixa Visão. Em seguida vamos nos deter no cotidiano como metodologia de estudo e logo após, demonstrar as narrativas dos estudantes. Por fim, as considerações finais devem corroborar a hipótese levantada.

2 | A BAIXA VISÃO: UMA REALIDADE DESCONHECIDA

Provavelmente, muito poucas pessoas conheçam, de fato, que existe um vasto número de sujeitos que não possuem visão dentro dos padrões de normalidade, mas que podem ter um funcionamento visual bem satisfatório para as atividades laborais, escolares ou mesmo da própria vida diária.

Em 1993, a OMS afirmou que a pessoa com baixa visão é aquela que após tratamento ou correção óptica apresenta diminuição de sua função visual e tem valores de acuidade visual menor que 0,3 até a percepção de luz ou um campo visual menor que 10° do seu ponto de fixação, mas usa ou é potencialmente capaz de usar a visão para o planejamento e/ou execução de tarefas (WHO, 2007).

Com esta percepção de sujeito com baixa visão em mente, não podemos deter nossa observação apenas em dados clínicos, mas também precisamos observar a funcionalidade. Este talvez seja o maior desafio dos profissionais que trabalham com estudantes com baixa

visão, a observação, o aproveitamento e desenvolvimento da funcionalidade visual.

A pessoa com baixa visão está inserida em um grupo heterogêneo, construído nas experiências do desenvolvimento do próprio ser humano. A maior ou menor presença de experiências visuais e a maior ou menor interferência dos sentidos remanescentes, ou seja, da audição, do olfato e do tato, contribuem para seu crescimento e desenvolvimento, podendo influenciar diretamente na sua aprendizagem. São as experiências que vão favorecer o desenvolvimento da visão e conseqüentemente ajudar à pessoa com baixa visão a “enxergar o mundo” (BRUNO, 1993); (BRUNO, 1999); (MARTIN e BUENO, 2003); (MASINI, 2007); (VIANNA e RODRIGUES, 2008); (SAMPAIO; HADDAD; COSTA FILHO e SIAULYS, 2010) e (FIGUEIREDO, 2022).

A escola precisa ser o local para este aprendizado, onde o estudante, desde pequeno, possa ser favorecido nestas diferentes experiências, demonstrando, inclusive, para seus familiares, a importância deste processo fora do ambiente escolar. Chamamos atenção para este fato, pois nossa experiência no IBC, onde atuamos como docente desde 2012, vem demonstrando que os pais e familiares também precisam entender sobre a potencialidade de seus filhos, para contribuírem para seu desenvolvimento. Ao chegarem nos atendimentos especializados muitos são surpreendidos com o quanto os estudantes conseguem enxergar passam a entender que existe uma visão preservada (FIGUEIREDO, 2002) que necessita ser trabalhada; ou seja, compreendem que seus filhos não são cegos.

3 | A COORDENAÇÃO DE BAIXA VISÃO DO IBC

O Instituto Benjamin Constant, hoje Centro de Referência Federal na temática da deficiência visual, foi criado em 1854 no Segundo Império como um educandário para pessoas cegas, a partir de um modelo trazido da Europa por um jovem cego, José Álvares de Azevedo que estudou em Paris e conseguiu que o Imperador D. Pedro II fundasse, em terras brasileiras, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 17 de setembro de 1854 (GUERREIRO, 2007).

Atualmente, o IBC possui diversas ações que perpassam o ensino, a pesquisa, a extensão e a produção e distribuição de materiais didáticos especializados para todo o território nacional.

Seu corpo discente é constituído tanto de profissionais que buscam formação, em diversos níveis, para atuarem com a pessoa com deficiência visual, como também é formado por estudantes cegos e com baixa visão que estão matriculados em sua escola especializada ou que frequentam atendimentos específicos do IBC, por conta da expertise da instituição no campo da deficiência visual.

Neste contexto, foi criada, na década de 1990 uma coordenação para atendimento dos estudantes com baixa visão. Neste espaço os estudantes são atendidos por médico especializado e por professores. A presença desses últimos profissionais permite um

acompanhamento pedagógico do desenvolvimento visual, favorecendo a comunicação com o professor de sala de aula. O atendimento feito pelo docente na coordenação contribui ainda para o aprendizado, por parte do estudante, do uso dos diferentes recursos ópticos prescritos pelo médico. O professor ainda procura colaborar para o desenvolvimento de recursos não-ópticos e atividades que possam favorecer a funcionalidade da visão preservada.

Nos dias atuais, a Coordenação de Baixa Visão conta com dois médicos voluntários, um professor do quadro efetivo do IBC e uma secretária. São atendidos, não apenas os estudantes da instituição, mas na medida do possível, pessoas com baixa visão que tenham sido encaminhadas para o serviço pelo ambulatório-geral da Residência Médica em Oftalmologia do IBC.

A conjugação das atividades do médico, com a análise clínica e do professor, com a abordagem funcional, é de fundamental relevância para que as pessoas tenham melhores oportunidades de “enxergar o mundo”, auxiliando, em diferentes perspectivas, nos seus processos de inclusão e mesmo superação dos desafios e barreiras ainda persistentes no mundo contemporâneo, frente às pessoas com deficiência.

4 | O COTIDIANO COMO METODOLOGIA

A metodologia utilizada, neste texto, está baseada nos pressupostos teórico-metodológicos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares (ALVES e GARCIA, 2008; OLIVEIRA e ALVES, 2008). Considera-se, nesta perspectiva, a relevância do cotidiano da escola, das narrativas e vivências dos atores envolvidos no dia-a-dia da escola. No contexto do IBC, especificamente, este cotidiano ficou concentrado na Coordenação de Baixa Visão. Focamos nosso estudo nas narrativas apresentadas pelos estudantes, durante duas vivências, nos atendimentos especializados que ocorrem na Coordenação de Baixa Visão e também em nossa experiência, contribuindo para a tessitura de uma rede de conhecimentos que está fortemente construída em um espaço de busca pela melhor forma de “enxergar o mundo”. As vivências e as narrativas são parte integrante de pesquisa de mestrado (FIGUEIREDO, 2022), conforme já enunciamos.

Essa abordagem, sempre qualitativa, visa apresentar um instrumento que leve a uma detalhada compreensão dos significados e características das situações apresentadas pelo estudante participante, considerando suas experiências e daqueles ao seu redor que constituem a comunidade escolar (CERTAU, 1994), (OLIVEIRA, 2008) e (ALVES, 2015). Neste sentido, o trabalho aqui apresentado, constitui-se a partir de múltiplas redes de relações.

Nesta linha de raciocínio, um dos movimentos necessários à pesquisa com os cotidianos é nomeado “beber em todas as fontes” Por este movimento, tudo o que ocorre na sala de aula e na escola contribui para a tessitura de conhecimento e deve ser levado

em consideração. Não existe hierarquização de elementos de pesquisa, tudo o que ocorre é fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Por este motivo, o olhar atendo da pesquisadora, a fim de perceber as nuances existentes entre cada sujeito da pesquisa, levando-se em consideração o que ocorre durante a vivência e aquilo que ocorre com o estudante, dentro do espaço escolar e fora. Em nosso caso, um olhar privilegiado, pois a pesquisadora é atora, constante, no espaço da escola.

Alves (2008) propõe cinco movimentos necessários para o desenvolvimento de trabalhos na perspectiva nos/dos/com os cotidianos escolares. Iremos brevemente apresentar os quatro restantes, por entendermos que são fundamentais para o entendimento e realização desta pesquisa.

O primeiro movimento é chamado de “O Sentimento do Mundo”, com o qual a autora faz uma referência ao poeta Carlos Drummond de Andrade. Por este, a autora defende que é preciso ir muito mais profundo do que o olhar que estamos acostumados a utilizar em nossas pesquisas. É necessário colaborar em múltiplas redes de conhecimentos no cotidiano, tecer conhecimentos a partir do “mergulho com todos os sentidos” na realidade pesquisada, em diferentes espaçostempos do cotidiano. Desta forma, sua percepção vai muito além do problema a resolver, mas considera as relações envolvidas e toda a tessitura constituída. Tal movimento retrata muito do que é feito na Coordenação de Baixa Visão, pois é preciso perceber e entender o estudante a partir das múltiplas relações em que está inserido, na compreensão de mundo que tece “com todos os sentidos” nos diversos espaços, tempos, relações sociais, lutas e disputas, por espaços, em casa e na escola. Todo este olhar para este “sentimento de mundo” como nos lembra Alves, provavelmente influencie no desenvolvimento da visão preservada, pois cada estudante, inserido em sua história, também vai, provavelmente, ter a sua oportunidade de “aprender a enxergar”. Em poucas palavras, todo este sentimento precisa estar presente, em sua maior profundidade, durante a pesquisa, para que o sujeito humano, dentro de sua intimidade, possa ser percebido com todos os sentidos.

O segundo movimento é chamado de “virar de ponta-cabeça”. Nesta visão, as teorias não servem mais como base única e definitiva para a leitura da realidade. Elas são hipóteses, das quais os limites são ou podem ser ultrapassados dependendo do desenvolvimento da pesquisa. Com isto, o pesquisador trabalha com múltiplos referenciais a fim de dar conta da complexidade dos espaçostempos cotidianos. A leitura dos dados (PAIS, 2003) não permite captar o real, prototípico, mas permite enveredar por uma realidade que é múltipla, enredada, imprevisível e singular. Nesta perspectiva, os dados obtidos nas vivências, deverão permitir esta ruptura com a realidade, a partir de um olhar além da multiplicidade de teorias elencadas, demonstrando as reais possibilidades, desnudando o ser humano, contribuindo para que possamos entender que existem diferentes caminhos para o conhecimento, e no nosso caso, para a compreensão do que um estudante com baixa visão possa necessitar e usar para ter seu desenvolvimento visual favorecido.

O terceiro movimento, complementar ao segundo, é chamado de “beber de todas as fontes”, ao qual já nos referimos. Complementando a apresentação já feita, ressaltamos o fato de que este movimento é considerado complementar ao anterior por tratar, na dimensão empírica, da mesma abertura para o novo, o imprevisível, o diferente

Alves (2008) chama o quarto movimento de “narrar a vida e literaturizar a ciência”. Ele diz respeito à necessidade de encontrarmos outros modos de dizer nossas pesquisas, transcendendo a linguagem formal científica, já que consideramos a complexidade da vida cotidiana e a multiplicidade de elementos que a constitui. É preciso chamar a atenção para a importância das narrativas, nas pesquisas do cotidiano, levando em consideração tais rupturas com as quais passamos a dialogar, se compararmos esta prática com clássicos modos de fazer ciência da modernidade. Daí a relevância de apresentar as narrativas durante as vivências, nas quais os elementos poderão ser observados e o sujeito como parte integrante do cotidiano poderá ser evidenciado com toda sua força.

Assim, os sujeitos das pesquisas, deixam o espaço-tempo da pesquisa, repleto de suas narrativas, impressões e conhecimentos, formando o quinto movimento *Ecce homo* ou *Ecce femina*, mais propriamente definido pela autora, por entender que o cotidiano de nossas escolas é mais marcado pelo feminino. Durante a pesquisa, o tempo todo, o que nos interessa são as pessoas. Para Alves (2008) o conhecimento é reconhecidamente masculino, o que não se revela nos cotidianos das escolas, o que ela aproveita para demonstrar. Reforçando o que a autora vem colocar, no cotidiano da Coordenação de Baixa Visão do IBC, desde sua criação, ainda não houve a presença de um professor, do sexo masculino, lotado no setor.

De acordo com estes cinco movimentos, construímos um trabalho sobre a produção de materiais especializados para estudantes com baixa visão no IBC, que os levem a utilizar e assim aprender a usar, a visão preservada, considerando o cotidiano da escola no qual a Coordenação de Baixa Visão se insere, construindo o trabalho por meio da tessitura deste conhecimento, considerando nossa experiência profissional, os estudantes, os docentes e os demais atores deste processo.

Estas redes, tecidas entre os diferentes sujeitos do cotidiano, são fundamentais, nesta perspectiva, para o entendimento e desenvolvimento das questões que norteiam esta leitura. Assim, será necessária uma reconstrução do próprio olhar da pesquisadora, o qual não pode menosprezar as informações contidas na/da escola e mais especificamente, na/da Coordenação de Baixa Visão e nem dos/nos sujeitos.

Conforme já apresentado, neste texto, a pessoa com baixa visão pode aprender a enxergar e deve-se procurar auxiliá-la neste processo, mais evidenciado nas crianças que, enquanto estão em formação e desenvolvimento, inclusive de suas funções nervosas, também estão em construção de suas funções visuais, chegando à maturação das mesmas, aproximadamente entre os sete e oito anos de idade. Daí a importância e a relevância das experiências e de observar este processo, suas necessidades e

experiências (BRUNO, 1993); (BRUNO, 1999); (MARTIN e BUENO, 2003); (MASINI, 2007); (VIANNA e RODRIGUES, 2008), (SAMPAIO; HADDAD; COSTA FILHO e SIAULYS, 2010) e (FIGUEIREDO, 2022). Fundamental considerar, ainda, quem acabou de passar por este processo de maturação, as experiências, de todos, mergulhados nos espaçostempos escolares, com o olhar aqui diferenciado para a Coordenação de Baixa Visão dentro da dinâmica da escola do IBC.

Com esta desconstrução em mente, mergulhados no cotidiano da Coordenação de Baixa Visão, compartilhando essa tessitura constante, foram realizadas vivências, individuais, durante os atendimentos com sete estudantes com baixa visão dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental I do IBC, conforme Quadro 1. Os atendimentos foram todos gravados em vídeo com as devidas autorizações. Os materiais utilizados para as vivências são de fácil reprodução, justamente para que possam ser replicados por outros professores em qualquer lugar do Brasil. Os nomes dos participantes foram alterados (FIGUEIREDO, 2022).

NOME	ANO	IDADE
Ana	1º	7
Beatriz	2º	7
Felipe	2º	8
João	3º	9
Laís	3º	10
Paulo	3º	10
Bruno	4º	11

QUADRO 1: Participantes das vivências

Vale mencionar que os estudantes tiveram contato com materiais didáticos construídos para as vivências. Para a primeira vivência, foram apresentadas miniaturas de animais com diferentes detalhes e cores, fixadas em placas de EVA numeradas e com o nome dos animais impresso em letras ampliadas. Para segunda vivência, os estudantes tiveram contato com desenhos de brincadeiras do cotidiano, desenhos mais simples e outros mais complexos, com maior número de informações, em cartões numerados. A numeração fazia parte da organização da pesquisadora. Durante o atendimento a pesquisadora conversou com os estudantes, os incentivando a narrar o que estavam vendo e os auxiliando a, quando necessário, a utilizar a visão para descobrirem informações que não conseguiam ver com autonomia.

As vivências demonstraram a relevância do papel do material especializado e da participação da escola na busca pela autonomia visual, auxiliando a pessoa com baixa

visão a utilizar sua visão preservada de forma mais efetiva.

Neste texto, contudo, vamos nos deter, mais especificamente, em alguns pontos apresentados nas narrativas dos estudantes, como passamos a demonstrar.

5 | AS NARRATIVAS: NOVAS CONSTRUÇÕES SENDO TECIDAS

Nesta altura do texto, embasados nos trabalhos sobre cotidianos escolares e considerando que contribuímos para a tessitura de uma rede de conhecimentos vibrante nos espaçostempos do IBC, vamos repassar, brevemente, as narrativas construídas nas vivências mencionadas, com o objetivo de realçarmos novas percepções que possam compor a rede de conhecimentos em destaque. Para tanto, vamos repassar os participantes das vivências.

Ana demonstrou que a deficiência não a impede de brincar no quintal de sua casa, com suas duas irmãs, que não apresentam deficiência. Daí podemos inferir que sua família não a impede de frequentar os ambientes domésticos, como acontece com algumas outras famílias, por medo de seus filhos se machucarem. Em alguns momentos, pareceu-nos que faltavam experiências do dia-a-dia, pois teve dificuldade de nomear objetos básicos, o que impactou para conseguir narrar suas vivências e experiências. A estudante não sabia dizer partes das árvores ou cores, o que demonstra falta de apoio de uma outra pessoa para este aprendizado, ou na família ou mesmo na escola. Será que isto não era feito em casa, principalmente em relação às cores, por seus pais acharem que ela não percebia cores? Muito comum, pais de crianças com baixa visão tratarem seus filhos como cegos, o que merece outro texto para ser abordado. Ao continuar das vivências ela não demonstrou interesse em ouvir as histórias e também não se sentiu motivada para folhear os livros infantis utilizados nas vivências para contar as histórias, o que pode tentar responder nosso questionamento anterior, a falta de exposição ao visual, por parte da família, ou até mesmo por parte da escola, por considerar que a estudante não possui visão preservada suficiente para tais atividades. Infelizmente, por conviver entre a cegueira e a visão normal, muitas vezes, as pessoas são tratadas como cegas, sendo subestimadas em termos de funcionalidade visual, não aprendendo a utilizar seu aparato visual de maneira adequada.

Beatriz relatou uma situação interessante: sua mãe não enxerga e tem uma irmã com deficiência visual que também estuda no IBC, no 5º ano, que também tem baixa visão. Gosta de brincar, mas não tem brinquedos. Sua família é muito grande, são sete irmãos. O pai não tem emprego fixo e a mãe não trabalha. Beatriz relatou que a casa dela “não tem cor”, ou seja, suas paredes não são pintadas. Mesmo tendo sido criada por uma mãe sem visão, apresentou interesse nas atividades visuais e mostrou-se curiosa para explorar as miniaturas, as figuras e os livros das histórias. Sempre atenta às informações visuais, narrou com convicção e autonomia sempre que conseguia fazer uso de sua visão preservada, como se fosse natural procurar usar ao máximo sua funcionalidade visual,

provavelmente porque deva suprir as necessidades de sua família, quando possível.

Felipe foi muito divertido e mostrou familiaridade com programação de internet, o que ficou claro pelas encenações que fez para a câmera durante a gravação das vivências. Possuía noção de direcionamento do olhar, sempre focado para a câmera, fazia gestos e chamava a atenção para que participassem da atividade com a “tia”, a pesquisadora, repetiu várias vezes: “atenção galerinha do Youtube!”. O estudante tem baixa visão, e enxerga somente de um olho. Utiliza funcionalmente sua visão preservada. Gostou muito do pássaro, tanto que no final da vivência, ficou brincando com a miniatura do pássaro. O comportamento visual do estudante demonstrou que usava ou procurava utilizar sua funcionalidade visual, o que tinha sido auxiliado por sua mãe, durante a pandemia, conforme seus relatos. A mãe, de acordo com ele, sempre estava presente, e o ajudava nas tarefas, o que provavelmente auxiliou no desenvolvimento de sua visão preservada e na maneira como fazia uso de seu sistema visual.

João foi muito comunicativo. Durante as vivências fez perguntas o tempo todo. Ao abordar as questões dos animais, nas miniaturas, usou e falou de seus conhecimentos dos animais, naturalmente. Apesar de estudar no Sistema Braille, consegue e sabe ler no sistema comum, mesmo que com bastante dificuldade, aproximando muito o material de seu olho. O estudante relatou que sua mãe sempre estimulou sua visão preservada. Deixou-nos perceber que a participação da genitora sempre foi ativa, buscando melhores formas para que ele conseguisse enxergar os objetos do dia-a-dia. A opção pelo braille deveu-se a presença de um glaucoma severo que provavelmente leva à perda da visão. Tem uma irmã de três anos que não apresenta deficiência visual. Durante as narrativas conseguimos perceber que o conhecimento de mundo e suas experiências foram bem utilizadas durante a vivência para auxiliá-lo, mas como sua visão preservada é muito baixa, houve lacunas de conceitos visuais que não conseguiu perceber com autonomia por não enxergar ou mesmo, por desconhecer.

Laís lembrava das brincadeiras de que já participou e de outras que tinha dificuldade de brincar, ou mesmo não conseguia, por conta de sua baixa visão. Narrou que sempre teve medo de quebrar os óculos, insegurança ou mesmo, que não conseguia, porque a brincadeira não era “da maneira que conseguia ver”. Em algumas miniaturas não utilizou o tato, mas demonstrou experiências vivenciadas com sua turma e também com sua família. Tem um irmão bem mais velho, que já constituiu família, vive com a mãe e o pai. A baixa visão, em seu caso, foi uma novidade para seu núcleo familiar, que vem se adaptando e buscando entender a condição da Laís. Não observamos, contudo, desconhecimento ou mesmo falta de experiências, mas um zelo familiar e a deficiência visual colocada, em alguns casos, como um limitador, para algumas atividades.

Paulo possui conhecimento de animais, o que trouxe de sua experiência, pois morou em uma fazenda no interior do Rio de Janeiro. Várias vezes repetia a seqüência das miniaturas apresentadas, como se desejasse mostrar que necessitava de organização e

seqüência. Informou que esteve internado e que por isto, segundo ele, ficou com “memória fraca”. Ele ainda falou que esta atividade o ajuda a “melhorar minha memória”. Durante a segunda vivência, o estudante forçava para enxergar os detalhes, para auxiliá-lo foi ligada uma luminária de led. Sua mãe também tem baixa visão. O estudante demonstrou preocupação com sua condição e que tinha estratégias para conseguir fazer as atividades das vivências, o que, provavelmente, deve ter sido ensinado por sua família.

Bruno, aos poucos, conversando com a pesquisadora, foi se acalmando e começou a manusear as miniaturas, complementando assim sua visão preservada. O que chamava sua atenção eram os números das placas, perguntou várias vezes o significado dos números, o que era sempre respondido pela pesquisadora que era para organização do trabalho. O número passou a fazer parte da conversa, sempre respondendo animado. Na segunda vivência, ele lembrava das brincadeiras, sem muitos detalhes, parecendo que eram experiências incompletas. Nas narrativas, Bruno demonstrou desconhecimento de algumas das situações apresentadas, ou mesmo das características das miniaturas manuseadas. Parece que não recebeu a atenção necessária para melhor aproveitar sua funcionalidade visual por meio de diferentes experiências, dentro e fora da escola.

Assim, brevemente, percorremos o cotidiano de cada um dos estudantes que fazem parte desta pesquisa. Chama-nos a atenção a relação da pessoa com deficiência e sua família, em diferentes aspectos. A existência de experiências que valorizem o uso e o aprendizado do uso da visão são fundamentais para que o estudante com baixa visão possa melhor aproveitar sua funcionalidade visual, tendo a oportunidade de melhorar, inclusive tal funcionalidade durante o período escolar.

Atividades que levem ao olhar direcionado, tanto em objetos em três dimensões, como no plano bidimensional, favorecem a funcionalidade visual e podem refinar o olhar dos estudantes com baixa visão, melhorando a sua capacidade de ver, ou seja, melhorando sua visão preservada.

Tais materiais podem e devem ser construídos pelo professor, com diferentes cores e tamanhos, procurando desenvolver, ao máximo, a visão, partindo sempre do que o estudante consegue ver com autonomia para o que ele precise de direcionamento para enxergar, com o objetivo de refinar seu olhar, sua observação.

As observações que fizemos, a partir das narrativas nas duas vivências realizadas, demonstram que a participação da família neste processo é fundamental, pois é em casa que experiências visuais podem mais amplamente serem franqueadas e a visão preservada ser requisitada para que seja fator integrante de todas as atividades que a pessoa realize.

Nesta perspectiva, família e escola constituem uma grande rede de conhecimentos, capaz de contribuir para que da melhor forma possível, respeitando os limites de cada sujeito, os estudantes com baixa visão possam “enxergar o mundo”, contribuindo para seu processo de inclusão e respeitando sua individualidade enquanto pessoa com baixa visão.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto, brevemente, apresentou a problemática das pessoas com baixa visão e sua necessidade de serem preparadas para melhor aproveitar sua funcionalidade visual.

A partir de uma realidade da Coordenação de Baixa Visão do Instituto Benjamin Constant e ancorados nos trabalhos dos cotidianos escolares, procurou-se demonstrar a relevância de se propor atividades que busquem o uso da visão preservada, tanto no ambiente tridimensional como no bidimensional.

As atividades propostas fizeram partes de vivências que tiveram como resultado narrativas dos estudantes durante suas realizações, que contribuíram para a rede de conhecimentos já existente sobre o assunto.

Esta tessitura permitiu que compreendêssemos a relevância das experiências visuais durante o período escolar e também fora da escola, por meio da participação das famílias. Todos estes espaçostempos constituem um emaranhado de informações que solidifica a construção do fazer da experiência, contribuindo para uma efetiva utilização da funcionalidade visual, favorecendo ao estudante melhores condições para “enxergar o mundo” e assim constituir-se como pessoa com baixa visão, tendo sua singularidade percebida e respeitada por uma sociedade plural e com espaço para todos, inclusive para quem precisa aprender a enxergar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Praticantepensante de Cotidianos**. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2015.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O Sentido da Escola**. Petrópolis: DP e Alii, 2008.

BRUNO, M. M. Garcia. **O Significado da Deficiência Visual na Vida Cotidiana: análise das representações dos pais-estudantes-professores**. 1999. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande MS, Faculdade Católica Dom Bosco, 1999,

BRUNO. **O Desenvolvimento Integral do Portador de Deficiência Visual: da intervenção precoce à integração escolar**. São Paulo: Laramara, 1993.

CERTAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1994.

GUERREIRO, P. **Instituto Benjamin Constant 150 anos**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Monitor Mercantil, 2007.

FIGUEIREDO, Eliana Leite Assis. **A Construção de Materiais Especializados no Cotidiano de Estudantes com Baixa Visão nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 2022. 234f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2022.

MARTIN, M. B. e BUENO, S. T. **Deficiência Visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Livraria Santos, 2003.

MASINI, Elcie. F. Salzano. **A Pessoa com Deficiência Visual: um livro para educadores**. São Paulo: Vetor, 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP Et Alii Editora, 2008.

SAMPAIO, M. W; HADDAD, M. A. O; COSTA FILHO, H. A da. e SIAULYS, M. O. de C. **Baixa Visão e Cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2010.

VIANNA, P. M. da M.; RODRIGUES, M. R. C. **Psicologia do Desenvolvimento e da Linguagem do Deficiente Visual**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008.

WHO, 2007. **Global Initiative for the Elimination of Avoidable Blindness: action plan 2006-2011**. Disponível em https://www.who.int/blindness/Vision2020_report.pdf.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações inclusivas 232

Adaptar 8, 35, 163, 164, 198, 219, 237, 238

Aluno 24, 25, 26, 27, 30, 36, 37, 40, 42, 43, 106, 109, 111, 129, 130, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 163, 167, 168, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 197, 222, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 242, 244, 247, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 263, 264, 265, 272, 277

Ambientes virtuais 7, 8, 122, 166, 190

Aprendizado 11, 12, 13, 17, 19, 25, 28, 30, 37, 64, 68, 69, 70, 73, 137, 138, 140, 142, 143, 167, 170, 171, 185, 230, 235, 238, 243, 257, 264, 267, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 276, 277

Aprendizagem 2, 3, 4, 9, 12, 23, 30, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 61, 63, 65, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 101, 102, 111, 112, 119, 120, 124, 125, 130, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 160, 162, 163, 164, 166, 168, 169, 172, 177, 178, 180, 181, 182, 185, 187, 188, 189, 191, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 209, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 254, 256, 257, 258, 259, 263, 265, 266, 269, 270, 271, 275, 276, 277, 278

Aprendizaje 46, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 210, 211, 212, 215, 228, 230

Aula invertida 229, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270

Aulas remotas 98, 180, 181, 182, 187, 262

B

Baixa visão 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

BNCC 6, 7, 61, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 74, 163, 185, 218, 219, 227, 228, 229, 230

C

Campo jurídico profissional 116, 117, 119, 125, 126

Cibercultura 61, 63, 67, 68, 76

Clássicos 15, 124, 147, 148, 151, 161, 162

Competência digital docente 218, 219

Competências digitais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 186, 187, 189, 222, 226

Cotidiano escolar 10, 62, 63, 65, 250, 259

Cultura 21, 27, 29, 38, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 113, 114, 162, 169, 171, 173, 179, 181, 182, 185, 198, 222, 224, 225, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 281

Cultura digital 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 185, 228, 229

Cursinhos preparatórios 116, 124

D

Deficiência intelectual 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 259

Deriva de sentido 90

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 18, 20, 21, 23, 26, 36, 39, 42, 62, 66, 67, 69, 70, 72, 99, 102, 104, 106, 107, 112, 114, 119, 120, 125, 126, 145, 148, 149, 153, 160, 161, 162, 163, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 181, 184, 185, 188, 191, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 271, 277, 280, 281

Desigualdades sociais 1, 3, 8

Digital 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 29, 35, 36, 40, 41, 44, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 88, 130, 144, 180, 185, 187, 195, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 228, 229, 230, 231, 279

Discalculia 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249

Discurso 1, 3, 4, 6, 7, 8, 45, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 123, 227

Dualismo no ensino 1

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 110, 112, 118, 120, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 177, 178, 179, 180, 181, 185, 186, 188, 189, 191, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 259, 260, 261, 270, 279, 280, 281

Educação ambiental 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208, 209

Educação básica 4, 6, 22, 23, 24, 25, 28, 30, 32, 40, 93, 138, 162, 199, 230, 240, 241, 260, 280, 281

Educação especial 10, 11, 147, 249, 254, 260

Educação inclusiva 249, 250

Education 1, 2, 10, 22, 23, 35, 36, 46, 77, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 101, 105, 128, 140, 163, 180, 196, 197, 210, 222, 230, 232, 240, 251, 262, 277, 278

EJA 131, 140, 142, 143, 144, 145, 146

Ensino 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 16, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 36, 37, 38, 39, 42, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 98, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133,

137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 163, 164, 165, 168, 169, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 204, 205, 207, 208, 209, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 248, 249, 250, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 265, 266, 269, 270, 271, 272, 276, 277, 279, 281

Ensino de literatura 22, 23, 24, 25, 28, 30, 32

Ensino manualesco 116

Ensino remoto 98, 164, 181, 186, 187, 188, 190

Ensino superior 7, 22, 24, 25, 30, 117, 132, 262, 270, 281

Estadística descriptiva 210, 215, 216

Estudio de casos 46, 48, 51, 52, 57, 59, 60

F

Faculdades de direito 116, 117, 125

Família 17, 18, 19, 26, 69, 75, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 148, 150, 152, 162, 171, 177

Fantasia 147, 149, 152, 160, 161

Formação docente 224, 232, 234

Formação inicial 43, 218, 219, 221, 230, 231

Formação leitora 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114

Formación de profesores 46

G

GeoGebra 190, 191, 192, 193, 194

I

Incentivo 104, 105, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 144

Informação 1, 2, 3, 4, 8, 9, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 64, 69, 73, 91, 115, 128, 129, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 181, 189, 218, 219, 221, 224, 227, 229, 233, 263, 265, 279, 280

Internet 2, 3, 5, 6, 9, 18, 35, 37, 39, 41, 42, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 74, 89, 130, 133, 138, 140, 143, 144, 145, 146, 180, 181, 182, 185, 186, 188, 199, 201, 202, 214

Intervenção pedagógica 240, 241, 243, 246, 247, 248

Intervención educativa 46

J

Jogos didáticos 196, 198, 200, 204

Jogos educativos 206, 208, 209, 250

L

Latex 190

Leitura 3, 14, 15, 63, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 162, 164, 165, 177, 184, 186, 187, 205, 219, 223, 227, 228, 242, 243, 249, 257, 259, 267

Libras 232, 233, 237, 238

Literatura 9, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 103, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 162, 175, 231, 246

Lúdico 149, 165, 177, 200, 206, 207, 240, 241, 245, 246, 247, 248, 249, 256, 257

M

Metodologia 3, 11, 13, 61, 90, 94, 101, 102, 104, 115, 119, 120, 123, 125, 128, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 142, 150, 162, 167, 172, 179, 182, 188, 192, 200, 221, 229, 233, 236, 237, 238, 262, 263, 264, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279

Metodologias ativas 182, 228, 229, 230, 231, 262, 263, 264, 269, 270, 272

Metodologia TBL 271, 272, 273, 276, 277

Mídia 36, 61, 62, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 91, 182, 185, 186, 187, 188

Monitoria 190, 191, 192, 193, 194, 271

N

Nutrição 271, 272, 273, 276, 277

P

Pandemia 18, 61, 62, 63, 73, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 99, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 181, 182, 194, 262, 265, 266, 270, 279

Prática pedagógica 36, 37, 41, 42, 43, 62, 68, 121, 144, 196, 198, 233, 236, 238, 260

Professores 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 16, 20, 25, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 75, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 105, 110, 111, 112, 113, 118, 122, 123, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 161, 164, 165, 166, 175, 188, 191, 195, 196, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 245, 248, 250, 254, 256, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 270, 272, 281

PROINFO 35, 36, 38, 39, 40, 41, 44

R

Recursos tecnológicos 39, 42, 74, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 143, 191

Redes sociais 210, 211, 213, 214, 215, 216

S

Silenciamento 90, 91, 95, 97, 100

Sociedade 2, 4, 8, 10, 20, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 65, 66, 67, 69, 70, 75, 76, 91, 92, 93, 94, 95, 101, 105, 107, 108, 109, 111, 114, 117, 118, 130, 167, 196, 207, 208, 218, 219, 221, 227, 228, 229, 231, 233, 237, 251, 252, 255, 259, 263, 279

Student training 77

T

Tecnologia 2, 3, 5, 7, 22, 23, 26, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 61, 63, 64, 66, 67, 74, 76, 98, 107, 128, 129, 130, 131, 138, 141, 144, 145, 146, 165, 177, 180, 181, 218, 221, 222, 223, 224, 228, 231, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 279, 280

Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) 128

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) 1, 2, 3, 4, 8

Tipos pedagógicos 116, 117, 119, 120, 122, 125

Transdisciplinaridade 22, 24, 28, 29, 30, 33, 126, 228

V

Videoaulas 133, 166, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188

Virtual reality 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br